

**“O COBRADOR” DE RUBEM FONSECA, MICHEL FOUCAULT E O PENSAR
“PSI”: UM DIÁLOGO POSSÍVEL A PARTIR DE UMA OBRA LITERÁRIA DE
DENÚNCIA SOCIAL. UM OLHAR SENSÍVEL E FILOSÓFICO**

Lorene Camargo*

Rozilda Alves das Neves

Este resumo abrange o projeto de iniciação científica desenvolvido nos anos 2010 a 2011, e teve como tema o diálogo entre a obra de Rubem Fonseca “O Cobrador” (2006) e conceitos do filósofo Michel Foucault, demonstrando suas equivalências e o oposto. Estabeleceu-se como objetivo geral a verificação existente (ou não) entre a violência psicológica e física a que são submetidos os personagens da obra Fonsequiana e a análise da sexualidade e dos mecanismos de poder sobre estas a que se refere Foucault em diversas de suas obras. Justifica-se tal pesquisa ao se ter inferido que o diálogo entre duas áreas de conhecimento que tratam da subjetividade humana entenda-se, Literatura e Psicologia, faz-se de suma importância para o crescimento desta forma de pesquisa. O retrato das mazelas, neste caso, de áreas marginalizadas do território nacional brasileiro, deve ser estudado atenciosamente, bem como, lido sob uma perspectiva psicológica e filosófica. Acredita-se ser, tal estudo, auxílio para os demais olhares depositados sobre tal realidade brasileira, ratificando a necessidade desta ampliação na visão de homem, especificamente da Psicologia.

O período que abrange os anos 1964 a 1985 no Brasil remete ao regime militar, que governou o país durante este momento. Por meio de um golpe, organizado pelas Forças Armadas Brasileiras, em reação à não satisfação frente ao governante de então, João Goulart, tomou posse da presidência do país o Marechal Humberto de Alencar Castelo Branco. Culturalmente, as reações à imposição de um governo ditatorial ocorreram em todos os âmbitos, entenda-se: teatro, música, literatura, ciências sociais, etc. O objetivo maior era demonstrar a revolta em não mais se ter assegurada a liberdade de expressão, zelada por tais setores da cultura nacional. De acordo com Hollanda (1987, p. 23), os anos que sucederam o golpe militar clamavam por movimentações das mais variadas formas, ou seja, era preciso “expressar, con-

tra o autoritarismo que subia ao poder, a determinação à denúncia e ao enfrentamento”. Em meio a tais demonstrações de asco em relação ao que se propunha como governabilidade da época, a literatura realista, assim como a marginal, emergiram para também participarem de tais movimentações. Já datando do ano de 1975 (quando escritores conseguem certa independência em relação à censura), a literatura obtém, então, considerável crescimento. O retrato da realidade da classe média brasileira faz-se de maneira irônica neste período, acentuando as marcas de violência, tanto psicológicas quanto físicas que envolviam a população (Hollanda, 1987).

Em meados dos anos 1970, mais especificamente 1979, Rubem Fonseca, escritor brasileiro, lança seu livro de contos “O Cobrador” contendo, inclusive, o conto de mesmo título. Sabendo-se que iniciou suas publicações no período ditatorial brasileiro, em 1963, com “Os Prisioneiros” (Alves, s/d), a priori abordar-se-á, neste trabalho, a obra acima referida [“O Cobrador” (2006)]. O contexto social em que tal obra está inserida (ditadura militar) evoca, em sua literatura, a atenção voltada à urbanização do homem desta época e as mudanças a que foi submetido. Tais mudanças seguem um percurso que perpassa o comportamento do carioca, por exemplo, até o funcionamento das grandes metrópoles neste período. Transfere, assim, todo o cenário político de então para as consequências geradas na psique deste brasileiro a que se refere (Vidal, 1998).

O desenrolar desta problemática foi realizado por meio de leituras estruturadas tanto da obra “O Cobrador” (2006), quanto do filósofo Michel Foucault. Em seguida, fichamentos e apontamentos acerca das leituras foram realizados para a melhor estruturação do projeto. Por fim, a correspondência entre tais leituras foi sobremaneira essencial para que o paralelo que se pretendeu estabelecer fosse satisfatório. Assim como supervisões com a orientadora da pesquisa foram de extrema importância para que se tivesse sucesso com tais análises.

Os pressupostos de uma literatura crítica e realística fazem-se presentes tanto em Rubem Fonseca (2006) quanto em Foucault (1999). Pressupostos estes que envolvem a denúncia do social e da hipocrisia que o permeia; o realismo quanto ao saber e expressar dos fatos cotidianos que são visíveis no bojo da sociedade ocidental; e, essencialmente, o não medir palavras para que se expresse da melhor maneira possível (e mais próxima do real) os fatores que

retratam a cultura ocidental, principalmente no que se refere ao sexo, tema em comum de ambos os autores.

Abarcado como um dos focos de discussão durante a pesquisa, pode-se tratar do que o filósofo introduz, nesta questão, no início de seu discurso na obra *História da Sexualidade* (1999). Segue com uma série de questões acerca desta “hipocrisia”, como: historicamente, que meios foram utilizados para que se atribuisse ao sexo o caráter de pecado? Ou, ainda, por que se fez deste tema algo pecaminoso com um grau de perversidade tamanho, a ponto de não poder sequer falar, que dirá praticar, por qualquer outro motivo que não seja o de procriar? Este “falar de sexo” tem, em seu âmago, um longo trajeto por percorrer, pelo que explicita o autor. Não se trata de anos, mas de séculos, gerações a exercitarem tal prática, até que cumpra seu dever de “poder falar em sexo abertamente”. Ou seja, os mecanismos que envolvem todo um jogo de poder, intrínsecos à sexualidade dos homens, mostram-se hostis e milenarmente estranhos a esta vontade de falar e de poder-se falar. Enquanto se resiste, de um lado, em não se deixar dominar à hipocrisia do sexo tomado como meio de pecado, lançando-se numa tentativa de ficar fora do alcance do poder; de outro, tenta-se ao máximo mantê-lo neste patamar, para que sobre ele haja dominação e controle (Foucault, 1999).

A partir deste conceito, pode-se estabelecer a hipótese de que, em Fonseca (2006), mais precisamente no conto “O cobrador”, há esta intenção ao explicitar o protagonista como alguém que cobra da sociedade, dentre outras coisas, sexo. Denuncia, desta forma, a hipocrisia de uma sociedade marcadamente burguesa, foco de irônicas falas do eu-lírico em primeira pessoa. Pode-se notar a linguagem “escancarada” adotada pelo autor, expondo sem censuras um ato sexual entre o protagonista e o objeto de desejo deste, na figura de uma jovem burguesa de nome “Ana”. Marcas da ironia fonsequiana podem ser percebidas em adjetivos empregados como “edifício de mármore”, contrapondo o “aterro” em que o “cobrador” vai jogar futebol (Fonseca, 2006). Ou seja, pode-se inferir que o “benefício do locutor” de Foucault (1999) é exercitado na obra adotada de Fonseca (2006).

Como, neste conceito, é denotado o exercício em se falar sobre o sexo e da maneira mais verossímil com a realidade, pode-se inferir que Fonseca (2006), ao não medir palavras

para detalhar a cena retratada, explicita o exercício de se falar abertamente do tema. Transgri- de, desta forma, a toda uma sociedade em que falar de sexo é ato que desvia dos moldes soci- ais. Tanto a prática deste, quanto a possibilidade de diálogo sobre, foi estabelecida, como Foucault (1999) mesmo discursa, às escondidas, no escuro e de maneira particular e procria- dora. Ou seja, como falar sobre isto, sem que não haja vergonha por parte mesmo de quem ex- plicita seus conteúdos, quanto por quem os ouve? Fonseca (2006), portanto, responde a este questionamento sem medições acerca do que “é” ou “não é” proibido falar, sabendo que neste “falar” se incluem os vocábulos de baixo calão (“porra”), os detalhes do ato sexual (“olhos ar- dendo, minhas mãos tremem”), bem como as conseqüências deste, retratadas na descrição das expressões faciais dos envolvidos, e o gozo final do ato (“água e sal e porra jorram de nossos corpos, sem parar”).

Conclui-se, portanto, que, de acordo com o que foi inicialmente objetivado na pesquisa, há êxito em retomar conceitos e aspectos históricos acerca da sexualidade, tratados por Michel Foucault (1999), assim como é viável re-contextualizá-lo na contemporaneidade. Além desta obra, Vigiar e Punir (2004), de mesmo autor, teve participação menor, porém, significativa no que se refere aos meios de punir o corpo. No caso de Fonseca (2006), a punição de todo um corpo social que circunda o do protagonista, o “cobrador”.

Referências

Alves, L. A. N. (2007). Rubem Fonseca, leitor da formação. In: _____ *Anais do XI Encontro Regional da Associação Brasileira de Literatura Comparada*. São Paulo: ABRA- LIC.

Fonseca, R. (2006). *O Cobrador*. 3ª ed. São Paulo: Companhia das Letras.

Foucault, M. F. (1999). *História da sexualidade*. 13ª ed. Rio de Janeiro: Edições Gra- al Ltda.

Foucault, M. F. (2004). *Vigiar e punir*. 29ª ed. Petrópolis: Editora Vozes,.

Hollanda, H. B. & Gonçalves, M. A. (1987). *Cultura e participação nos anos 60*. 6ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense.

Anais V CIPSI - Congresso Internacional de Psicologia

Psicologia: de onde viemos, para onde vamos?

Universidade Estadual de Maringá

ISSN 1679-558X

Vidal, A. J. (2000). *Roteiro para um narrador: Uma leitura dos contos de Rubem Fonseca*. Cotia – SP: Editora Ateliê Editorial.